

A RELIGIÃO DOS BLACK MUSLIMS

VINCENT MONTEIL, DIRETOR DO INSTITUT FONDAMENTAL D'AFRIQUE NOIRE,
DACAR

Êles se denominam *Muslims*, isto é, “muçulmanos”, para se distinguirem dos *Moslems* — que são os outros muçulmanos dos Estados Unidos, em geral árabes orientais (sírios-libaneses), e mais alguns convertidos, de raça negra. Na realidade, as duas transcrições *muslim* (clássica) e *moslem* (vulgar) são equivalentes. Foi C. Eric Lincoln o primeiro a “lançar”, em 1956, a expressão *Black Muslims* — depois tornada corrente — para designar os que, até então, eram conhecidos pelos nomes de *Muhammadans* (Maometanos), *Temple People* (Templários), *Nation of Islam* e até mesmo *Voodoo Cult* — “adeptos do Voodoo”, segundo Erdmann D. Beynon (1938).

Foi Beynon quem chamou a atenção para o movimento dos *Muslims*, a partir da sua fundação em Detroit (1). Êle o via, aliás, erradamente, como um exemplo de culto afro-americano análogo ao *voodoo* haitiano, baseado na contribuição *fon-yoruba* dos escravos vindos do Daomé e da Nigéria ocidental, com seus tradicionais “fetiches” *vodun-orisha*. Na realidade, o problema dos *Muslims* nos Estados Unidos foi sempre obscurecido pela ignorância que seus observadores têm da religião muçulmana. O ponto-de-vista de um islamólogo, portanto, talvez não seja sem valor. Êle pôde se formar, por ocasião de uma estada de três meses (fevereiro a maio de 1964) em Los Angeles, onde o número de *Muslims* foi calculado em três mil em 1959 — e cresceu muito desde então (2). Os contatos feitos na Califórnia também permitiram que se completassem as pesquisas (3) feitas anteriormente por negros americanos: C. Eric Lincoln, professor de Filosofia Social no Clark College (Atlanta), publicou, em 1961, em Boston (*The Black Muslims in America*), os elementos colhidos durante quatro anos (1956-1960) para a elaboração de sua tese de doutorado; Louis E. Lomax, jornalista, antigo assistente de Filosofia da Universidade de Georgia, autor de *The Negro Revolt* (1962) — que continha um capítulo (p. 178-192) sôbre os *Black Muslims*, acaba de consagrar seu último livro, *When the*

N. R. Estudo aparecido em *Esprit*, número de outubro de 1964.

(1) Erdmann D. Beynon, *The Voodoo Cult among Negro Migrants in Detroit*, artigo do *Americ. Journal of Sociology*, XLIII, 6 de julho de 1937 — maio 1938, p. 894-906.

(2) 500.000 negros vivem no *Black Ghetto* da South-Central L. A.

(3) Não se trata, bem entendido, senão das obras fundamentais.

Word is Given, (1964) ao resultado de quatro anos de pesquisa (1959-1963); o célebre escritor James Baldwin, enfim, descreveu um jantar, em Chicago, em casa do Sr. Elijah Muhammad, numa série de artigos publicados em Londres, em 1963, sob o título *The Fire Next Time* (4). É preciso acrescentar-se a essas fontes americanas um testemunho africano de valor: o de um estudante da Nigéria, E. U. Essien-Udom, que trabalhou em Chicago de 1958 a 1960 (*Black Nationalism, a Search for an Identity in America*, 1962, 2.^a ed. 1964). Africanos ou americanos, têm os negros sobre os brancos a vantagem de poder assistir os ofícios do culto dos *Muslims* e de se comunicar, mais livremente, com seus irmãos de raça. Não sendo, nenhum dêles, islamólogo ou muçulmano, suas observações e seus comentários devem ser encarados dentro do quadro de uma religião — o Islamismo, cujos preceitos e ritos são bem conhecidos. À luz de experiências comparáveis, em outros tempos ou em outros lugares, poder-se-á tentar distinguir a verdadeira natureza da religião e do movimento dos *Black Muslims*.

Sem dúvida é necessário relembrar alguns fatos. Nos Estados Unidos, sobre vinte milhões de negros, uns dez milhões são protestantes, principalmente batistas e metodistas, com pequenas minorias católicas, judias (alguns milhares) e muçulmanos (os conversos de Soufi-Abdul-Hamid). Quantos são os *Muslims*? Em 1960, Malcolm X fala, em Harvard, de “centenas de milhares” e, em Harlem, de “milhares de crentes e milhões de simpatizantes” (Lomax 1964, p. 122, 132). Lincoln avalia o número de *Muslims* em, pelo menos, cem mil (4,17), cifra repetida por Essien-Udom (p. 202 e 215) que precisa dez mil inscritos (*registered followers*), mais de cinquenta mil “crentes” (*believers*) e “muito mais de simpatizantes” (*sympathizers*). Mas tôdas as testemunhas recentes concordam em que o movimento se espalha lenta e continuamente por tôda parte, em todos os Estados e ambientes. Já existem umas cinquenta “mesquitas” — os *Temples of Islam*, cuja Meca se acha em Chicago (a metrópole negra dos Estados Unidos, antes do Harlem, com mais de um milhão de *colored people*). Os principais elementos do recrutamento (Lincoln, p. 22-27) são sempre a juventude (80% dos *Muslims* possuem entre 17 e 35 anos), em grande maioria o sexo masculino, o proletariado urbano (*urban lower-class Negroes*) recentemente emigrado do sul (*unwanted from Dixie*), os condenados (*convicts*) convertidos nas prisões, os antigos cristãos (sobretudo metodistas e batistas) e exclusivamente os *American Negroes*; nem os antilhanos (5) nem os árabes (6) são, em princípio, admitidos no movimento.

(4) *La prochaine fois le feu* (Gallimard).

(5) O haitiano Theodore Rozier só foi “ministro” durante alguns anos, entre 1934 e 1940.

(6) O palestino Shaikh Diab ensinou árabe, em Chicago, aos *Muslims*, antes de se tornar adversário dos mesmos.

A atenção do público, na América e alhures, foi principalmente dirigida para os *Muslims* nestes últimos anos, por causa do caráter racista (antibranco) e extremista (separatista e violento) de sua propaganda. Louis E. Lomax (1964, p. 27-30) pensa, não sem razão, que a tomada de consciência oficial da “ameaça” representada pelos *Muslims* data de 14 de abril de 1958: naquele dia, em Harlem, um certo Johnson Hinton, inocente espectador de uma rixa banal, teve o crânio aberto por um policial. Imediatamente, quinhentos *Muslims* cercaram o Posto de Polícia. Operado a seguir, Hinton obteve, de um júri inteiramente “branco”, 75.000 dólares de indenização ao fim do seu processo contra a cidade de Nova York. Desde então aprendeu a Administração a conhecer e respeitar os *Muslims*. São estes uma força com a qual é preciso contar-se. Mas geralmente o povo se contenta em constatar e deplorar os seus efeitos sobre o plano político, sem procurar saber se a ideologia do movimento é ou não de natureza religiosa. Afinal de contas, por que se dizem “muçulmanos”? Não será isto apenas uma fachada, uma cobertura cômoda, num país onde a liberdade de consciência e de culto é garantida pela Constituição? Para responder a esta questão essencial, é indispensável relembrar o histórico dos *Muslims*; isto é perfeitamente possível, apesar de certas lacunas, graças, particularmente, ao estudo de Edmann B. Beynon (1937-38).

Em 1930, surge, em Detroit, no meio dos pobres negros vindos do sul, um personagem misterioso chamado Wallace Fard, vendedor ambulante tanto de idéias como de mercadorias. Ele diz ter vindo de Meca e ser descendente da tribo dos curaxitas à qual pertencia Maomé, o profeta do Islã. Apresenta-se como muçulmano, funda um *Temple*, converte de sete a oito mil pessoas, é detido e aprisionado com um dos seus adeptos, acusado de homicídio ritual; depois desaparece em 1934, sem deixar vestígio. Contudo teve tempo de formar e designar seu sucessor: Robert Poole, nascido no Estado de Georgia, em 1897, filho de um ministro batista, pastor durante algum tempo, finalmente feito chefe dos *Muslims* com o nome de Mr. Elijah Muhammad. Ele é um homem “de côr”, de pele clara, pequena estatura, a quem a asma obrigou a sair de Chicago para o clima seco de Phoenix (Arizona); sua única esposa deu-lhe seis filhos e duas filhas e ele tem vinte e sete netos. Até 1964, o “São Paulo” do Movimento (segundo Lomax) era Malcolm Little, denominado Malcolm X, nascido em Omaha (Nebraska), filho de um pastor batista que teria morrido linchado pelos brancos. Malcolm é um antigo proxeneta e traficante de drogas, outrora conhecido como *Big Red*, convertido na prisão, em 1947. De forte personalidade, notável orador, separou-se ele de Mr. Elijah Muhammad que o havia “suspenso” por seus desatinos de linguagem quando do assassinato do Presidente Kennedy (22 de novembro de 1963) (7).

(7) Malcolm X havia declarado, ao saber do crime de Dallas: *The chickens came home to roost* (os frangos voltaram ao poleiro). Ele explicará mais tarde a Lomax (1964, p. 177) que havia querido dizer: “A América colheu o ódio que semeou”.

Depois, êle fundou um ramo dissidente, a “Mesquita Muçulmana” (*Muslim Mosque*) e criou, em Nova York, a Organização de Unidade Afro-Americana. Contudo, o fundo religioso é, nos dois casos, o mesmo: compõe-se de crenças comuns e de ritos idênticos.

EM QUE CRÊEM OS BLACK MUSLIMS?

Para saber-se em que consiste a fé dos *Muslims*, pode-se conversar com êles e, principalmente, com seus “ministros”. Pode-se ver também o texto das alocações proferidas por êstes durante os “serviços”, duas vêzes por semana. Devem-se ainda estudar, cuidadosamente, os discursos públicos de Mr. Elijah Muhammad e de Malcolm X. Os artigos, a imprensa do Movimento (*Mr. Muhammad speaks*)⁽⁸⁾ são utilísimos. Mas é sobretudo indispensável conhecer-se o livro de Mr. Elijah Muhammad, *The Supreme Wisdom: Solution to the Called Negroes' Problem* (A Suprema Sabedoria: Solução para os Problemas dos Chamados Negros). É uma brochura de 56 páginas, editada em Chicago pela *University of Islam*, em 1955, depois reimpresso em 1957, com uma introdução, por um paquistanês muçulmano. Trata o conteúdo de assuntos vários: “a Bíblia e o que ela ensina; o Cristianismo; o que faz nosso Inimigo; Não-Integração; Cabelos crespos; o Porco e os que o comem; o Céu ou a Terra; outros aspectos notáveis do Islã”. Na primeira edição encontram-se também os “Dez Mandamentos”, tais como: “rezar; dizer sempre a verdade; conservar-se puro tanto física como moralmente; libertar o Crente cativo; só temer a Alá; não matar aquêle a quem Alá não te ordenou matar”.

É preciso acrescentar outros a êstes elementos de base. Já que se trata de “muçulmanos”, esperar-se-ia encontrar o Corão. Em verdade, êle é citado em *The Supreme Wisdom* (p. 51), que o chama de *The Holy Quran Sharrief* (em árabe, *sharif*, “nobre”, é um dos usuais qualificativos do Corão). E o muçulmano paquistanês, autor da Introdução a *The Supreme Wisdom* reconhece ser o Corão “o Livro” de Mr. Elijah Muhammad. Mas por não saberem ler em árabe, os *Muslims* e, antes de todos, Mr. Elijah Muhammad, devem recorrer às duas traduções inglêsas consideradas fidedignas: a de Maulana Muhammad Ali e a de Allama Yusuf Ali. Teòricamente, os “serviços” do culto apóiam-se no Corão. Na prática, porém, é êle muitíssimo menos citado que a Bíblia, mais familiar aos fiéis e seus ministros, todos cristãos convertidos. Nas seis alocações públicas pronunciadas entre 1960 e 1962, por Mr. Elijah Muhammad e Malcolm X, e reproduzidas por Lomax (1964, p. 93-180), há apenas três citações do Corão — sôbre os “Signos”, (XVI, 65) e o Profeta “analfabeto” (LXII, 2 e VII, 157) — relacionadas com a instrução elementaríssima de Mr. Elijah Muhammad (aliás, injusta, se se acreditar no orientalis-

(8) Semanário a partir de 1960, publicado em Harlem, de 36 páginas, com 50.000 exemplares.

mo contemporâneo)⁽⁹⁾. Nunca e em nenhuma parte tem-se a impressão de que o Corão seja uma referência cotidiana, como sucede entre os muçulmanos comuns. Quanto à segunda fonte fundamental do Islamismo, a Tradição (*Sunna*) ou coleção dos “dizeres” (*hadith*) do Profeta Maomé, parece ela totalmente desconhecida dos *Muslims*.

Sendo êstes, herdeiros espirituais de Wallace Fard, não é de admirar encontrar-se, aí, sua doutrina. Entre 1930 e 1933 — segundo Beynon (1938, p. 900) —, em Detroit, Fard comentava o texto árabe do Corão, tomando a Bíblia, supostamente conhecida, como ponto de partida. Também utilizava obras extravagantes, tais como *Story of Mankind* de Van Loon, ou *The Conquest of Civilization* de Breasted, rituais dos francomaçons e brochuras das Testemunhas de Jeová. E aconselhava a seus adeptos que ouvissem as emissões radiofônicas de Frank Norris, “fundamentalista” batista. O próprio Fard escreveu dois pequenos “manuais”. Um, *The Secret Ritual of the Nation of Islam*, tornou-se “tradição oral” nas escolas confessionais dos *Muslims*; o outro é um “criptograma” intitulado *Teaching for the Lost Found Nation of Islam in a Mathematical Way* (Ensino matemático destinado à Nação do Islã perdida e re-encontrada). Notemos, a tal respeito, que a numerologia e os talismãs mais ou menos mágicos são antiqüíssimos e bem conhecidos entre os muçulmanos.

Ainda mais: C. Eric Lincoln demonstrou que os primeiros convertidos de Mr. Elijah Muhammad foram, com os fiéis de W. Fard, os “mouros” (*Moors*) do *Moorish Science Temple*, fundado cerca de 1913 por um negro da Carolina do Norte, “Noble Drew Ali” (1886-1929), o qual pretendia ter recebido do Sultão de Marrocos a missão de islamizar os negros americanos e que Mr. Elijah Muhammad considera como “um bom muçulmano”. Ora, Noble Drew Ali misturava o Corão e a Bíblia num *Holy Koran* de sua invenção; dizia-se muçulmano e profeta e seu sincretismo honrava “todos os profetas de Deus: Jesus, Maomé, Buda e Confúcio — que Alá Nosso Pai os abençoe!”⁽¹⁰⁾

Certamente os *Muslims* aí não aparecem! Em princípio, são muçulmanos como os outros: “Somos antigos politeístas, acreditamos por algum tempo na Trindade, mas hoje sabemos que não há senão um Deus, Alá” (Malcolm X, Atlanta, 1962). A Bíblia é um livro envenenado: *What a poison book!* É instrumento dos “Diabos Brancos” (*White Devils*) para melhor dominar os negros; é um livro imoral no qual Lot pratica o incesto, Noé é um bebedor e Maria, uma mulher adúltera (Supr. Wisd, p. 13); além disso, Deus não se pode ter casado com uma mulher, e não pode ter filho (Mr. E. Md. em Atlanta, 1961). Ver-se-á, entretanto, o re-

(9) Com Régis Blachère, que é tradução do sobrenome tradicional de *ummi*, não como “analfabeto”, mas “gentil” — “mrofeta das nações”.

(10) Arthur H. Fauset, *Moorish Science Temple of America*, p. 498-507, em J. Milton Yinger, *Religion Society and the Individual*, New York, 1957.

curso constante à Bíblia a fim de apoiar a doutrina dos *Muslims*: há, aí, um equívoco fundamental, que se prende às contradições de um movimento cujos membros eram todos cristãos e há pouco convertidos. O exame atento de suas origens dá realce, nitidamente, a elementos bem conhecidos: o madismo, o carisma e o sincretismo.

O *madismo* é, no Islamismo, a esperança na vinda (entre os Sunitas ortodoxos) de um *Mahdīn* ou “enviado” de Deus, que surgirá, no Fim dos Tempos, a fim de fazer à Justiça reinar sobre a terra. Este Mahdī escatológico, durante toda a história muçulmana, encarna-se na pessoa de “pretendentes” que arrastam consigo fiéis mais ou menos numerosos, reivindicações políticas e, às vezes, o fracasso das armas. Tal foi, por exemplo, o Mahdī do Sudão nilótico, Mohammed Ahmed ben Abdallah (1843-1885), que teve de ajustar contas com egípcios e ingleses, nos fins do século XIX. A África negra conheceu e ainda conhece casos desse gênero. Aqui, nos Estados Unidos da América, o assunto é obscuro e complexo. Efetivamente, o misterioso W. Fard, de Detroit, é considerado, pelos *Muslims* atuais, como *The Mahdi, the only Mahdi* (E. Udom, p. 145), mas também como “o Grande Mahdi ou o Messias, como dizem os cristãos” (*The Great Mahdi or Messiah, as the Christians say*) (p. 143). Além disso — e aí o plano cristão se mescla ao do Islã — “ele é também o Filho do Homem e o Salvador” (*the Son of Man and the Saviour*) (p. 143). Por sinal que a maior festa religiosa dos *Muslims*, a 26 de fevereiro — que substitui a do *Mawlid* ou *Mouloud* e celebra a natividade do profeta Maomé — é o aniversário do nascimento do *Great Mahdi (Allah) in the Person of Master Wallace Fard Muhammad: o Natal dos Muslims*.

Ainda, segundo Mr. Elijah Muhammad, “Deus veio até nós da Cidade Santa de Meca, na Arábia, a Detroit, a 4 de julho de 1930”. Realmente, após seus desaparecimentos em 1934, W. Fard se identifica com Alá, é adorado, objeto de orações e sacrifícios⁽¹¹⁾. E é isto que permite a Mr. Elijah Muhammad afirmar: *I know Allah and I am with him* (Lincoln, p. 73), ou ainda (em Atlanta, em 1961): “Estive na presença de Deus durante três anos ... é um homem, um ser de carne e sangue, mas é um Ser divino”. Conseqüentemente, já que foi a Elijah Muhammad que Deus ditou o texto de seu livro *The Supreme Wisdom*, é este um novo, um último Corão, que completa — quando não substitui — o outro, e Mr. Elijah Muhammad tem o direito de dizer: “Fui escolhido para vós pelo próprio Deus... A revelação divina veio a mim pela boca de Deus ... Sou o último enviado de Deus para vós” (Atlanta, 1961). Ele se diz “infallível” (como entre os Xiitas, o *Imân ma’sûm*) e faz-se chamar, ou *Dear Holy Apostle*, ou *The Last Messenger*, ou, oficialmente: *The Most Honorable Mr. Elijeh Muhammad, Messenger of Allah* — estranha mistu-

(11) Fard já se tinha apresentado à polícia de Detroit como *Supreme Ruler of the Universe*.

ra de títulos britânicos e de qualificação religiosa⁽¹²⁾. Enfim, a Bíblia é chamada como testemunho: não predisse ela (Malaquias, IV, 5, 6) a vinda do “Profeta Elias” (Elijah) (Malcolm X, Atlanta, 1962)? E Mr. Elijah Muhammad conclui: “O Islamismo foi a religião de Moisés, de Noé, Abraão e Jesus e será a última das três grandes religiões que dominam a terra: o Budismo, o Cristianismo e o Islamismo” (Atlanta, 1961). Notar-se-á que o Hinduísmo não é mencionado como também o Judaísmo: neste último caso, isto é surpreendente, pois, de acôrdo com o texto do Corão, judeus, cristãos e muçulmanos recebem a denominação comum de “Escribas” (*Ahl al-Kitâb*).

Aliás, não será possível deixar de constatar pelo menos duas heresias fundamentais. Antes de tudo, para um autêntico muçulmano, não poderia haver nova Revelação, novo Corão. Do mesmo modo, Maomé é, no século VII de nossa era, o último dos profetas, aquêle que “sela” a Revelação (Corão, XXXIII, 40). Depois dêle, os que se dizem apóstolos de Deus não são mais que impostores. É claro que a América conheceu, no “quadro” cristão, “erros” análogos: em 1830, Joseph Smith pretende receber, do Anjo Moroni, a Revelação do *Book of Mormon*, sob a forma de placas gravadas com hieroglifos egípcios, e funda “a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias” (*The Church of Jesus-Christ of Latter-Day Saint*): os treze Artigos de Fé dos mormons são de inspiração cristã, com, ainda (artigo 8), a afirmação de que o Livro de Mormon é o Verbo de Deus. No Islamismo ou, pelo menos, num contexto que se diz muçulmano, tem-se um movimento comparável ao dos *Ahmadiyya* da Índia, cujo fundador, Mirza Gholâm Ahmad Qadiyâni (1839-1908), anunciou, em 1889, que era o Mahdi e o Messias e publicou o Livro de sua Revelação. Atualmente, os Ahmadi do Paquistão exercem uma propaganda ativa junto aos negros da África oriental (em particular) e têm certa influência nos Estados Unidos — onde seus adeptos acusam os *Muslims* de desvio religioso. Contrariamente ao que crê Lincoln (p. 221), não se poderia dizer que “os Ahmadi são, agora, geralmente aceitos como uma seita legítima dos Islamismo”. Um outro sincretismo islamo-cristão, o dos *Bahâ’i*⁽¹³⁾ (derivado do *Babismo* iraniano do século XIX), faz, igualmente, novos partidários nos Estados Unidos, mas em meios mais cultos do que aquêles donde provêm os *Muslims*, e Lincoln (p. 29) acredita que “o intelectual não se fará *Muslim*, mas *Bahâ’i*”.

Até aí a Revelação, o Madismo e o Profetismo. Subsiste no entanto, o âmagô da questão: em que crêem os *Muslims* americanos? O Islamismo é, em si, uma fé muito despojada, sem sacramentos ou mistérios. O muçulmano crê em Deus único (Alá), em Seus Anjos, em Seus Profetas, Suas Escrituras, Seu Dogma de Predestinação, na Ressurreição e no Dia do

(12) Na África Negra, Nigéria do Norte, o primeiro ministro Sardauna de Sokoto sobrepe sua reputação de antigo peregrino ao título britânico: Al-Haj Sir Ahmadu Bello.

(13) Fundado por ‘Abd-ul-Bahá (Teerã, 1944 — Haifa, 1921).

Juízo. Particularmente, considera êle Maomé o último Apóstolo de Deus. Ora, os *Muslims*, em princípio, acham-se de acôrdo sôbre todos êsses pontos (aos quais acrescentam a “Missão” de Mr. Elijah Muhammad). Apenas, na prática, acrescentam-lhes tôda uma série de considerações novas, algumas das quais são tiradas da Bíblia e outras são de origem mais confusa. Pode-se assim resumir sua doutrina:

Deus é negro. O negro americano — ou assim considerado: *So-Called Negro* — não é um africano e sim um asiático “negro”, membro de uma tribo de *Shabazz*. Como afirma Mr. Elijah Muhammad: *God has declared that we are descendants of the Asian Black Nation and of the Tribe of Shabazz* (14). (E. Udom, p. 410). Os *Muslims* realmente consideram os árabes como negros; Malcolm X fala do *Black Man* da Argélia, da África do Norte e de seus “irmãos mais escuros” (*darker*) da Ásia (Yale, 1962). No princípio, todo o mundo era de raça negra, porém há “66 trilhões de anos” um “sábio negro”, Yakub, realizou a separação da terra e da lua; depois, revoltado contra Deus, criou êle os “diabos brancos” (*Caucasian Devils*). Por todos os tempos, foram os negros de religião muçulmana e de língua árabe, porém, deportados pelos brancos para a América, suportaram quatro séculos de escravidão (1555-1955) e de alienação religiosa (o Cristianismo) e cultural (a língua inglesa): perderam até o próprio nome a fim de tomarem, à fôrça, o do seu senhor. Mas, graças aos *Muslims*, êles retomaram a consciência de sua identidade, compreenderam que constituem, na América, a “Nação do Islamismo perdida e reencontrada” (*the lost-found Nation of Islam*) e que só lhes resta esperar, inevitável e próxima, a última batalha de Armageddon que consumará a derrota dos brancos e o triunfo dos negros.

Tudo isso, evidentemente, nada tem de corânico ou de muçulmano. É certo que os *Muslims* se dizem e se crêem *muçulmanos*: “os princípios de base e as práticas são os mesmos”, baseados “neste mesmo Corão que centenas de milhões de irmãos e irmãs nossos, mais escuros, (*darker*) da África e da Ásia, lêem diariamente” (Malcolm X, Harvard, 1960). É verdade que Malcolm X acrescenta (no Queens College): “Ensinamos a verdadeira fé islâmica, mas a adaptamos às condições especiais do negro americano”. Tal é, de modo particular, a explicação do racismo negro, tão contrário ao ecumenismo do Islamismo. Os *Muslims* não admitem muçulmanos “brancos” em seus “Temples” (da mesma forma que os Mormons não aceitam negros no seu clero). Mr. Elijah Muhammad, entretanto, insiste na unidade de crença e diferenças “de interpretação” do Islamismo. (Supr. Wisd. p. 4). Lincoln fala justamente, do “carisma” de Mr. Muhammad (p. 217) — equivalente à *baraka* muçulmana tradicional —, fator essencial da coesão. E êle propõe a seguinte definição: “um *Black Muslim* é um negro americano que segue Elijah Muhammad, Guia Espiritual da Nação Perdida e Reencontrada no Oeste” e que se distingue do muçul-

(14) Na realidade, Shabbâz é um grande poeta judeu do] Yêmen, do século XVII

mano ortodoxo por crer que “seu chefe, o Honorável Elijah Muhammad, é o Apóstolo de Deus, diretamente designado pelo próprio Alá, o qual veio, em pessoa, sob o nome de Fard, despertar a Nação negra adormecida e libertá-la do domínio secular dos brancos” (p. 21). Convém, no entanto, acrescentar-se a isso a atitude dos *Muslims* face às obrigações práticas do crente.

AS CINCO COLUNAS DA FÉ

Todo muçulmano acha-se sujeito, efetivamente, ao que êle chama de “as cinco colunas da fé” (em árabe: *arkân ad dîn al-khamsa*). Trata-se de preceitos corânicos *ne varietur*, dos quais nenhum fiel, púbere, são de corpo e de espírito, juridicamente “capaz” (*mukallaf*), poder-se-ia dispensar sem motivo grave. São êles: a profissão de fé (*shahâda*), a oração, o jejum, o dízimo ou esmola legal (*zakât*) e a peregrinação. O primeiro ponto, o credo, compõe-se de duas partes: atesta-se preliminarmente, que não existe nenhuma divindade senão Deus (Alá), dá-se testemunho, então, da missão de Maomé, Apóstolo de Deus. Não pode haver um Islamismo autêntico sem isto. Ora, que dizem os *Muslims*? Segundo Essien-Udom (p. 241): “Alá é nosso Deus e o Digníssimo Elijah Muhammad, seu último e divino Mensageiro”. E pode-se ler (p. 2) em *The Supreme, Wisdom*: “Dize: Êle, Alá, é um só Deus (e não três); não há outro Deus senão Êle, e eu sou Seu Apóstolo e Seu Servidor” (*Says He, Allah, is One God (not three); there is no God but He and I am His Messenger and Servant*). Vê-se, pois, que, se a primeira parte da *Shahâda* é correta, a segunda está modificada, a favor de um neo-Profeta, do que, em árabe, chamar-se-ia de um *mutanabbî*. E não se pode deixar de observar que, para os *Muslims*, absolutamente não se trata de Maomé: ao dizerem Muhammad, sempre se referem a Mr. Elijah Muhammad, nascido Robert Poole. A variante é importante!

Sabe-se que os muçulmanos autênticos devem rezar cinco vêzes ao dia, em direção a Meca, após terem feito as abluções purificadoras. Os gestos necessários, as palavras pronunciadas são determinadas pela Lei e pela Tradição, há treze séculos, e a oração é, a justo título, mantida como característica do muçulmano. Ora, no que concerne aos *Black Muslims*, a imposição de Mr. Muhammad é clara: “Decorai as orações e rezai cinco vêzes ao dia, voltados para o Leste” (E. Udom, p. 211). Numa brochura publicada em Chicago, em 1957 (*Muslim Daily Prayers*), as cinco orações canônicas são lembradas e recomenda-se que se lhes acrescentem mais duas, “no caso de se acordar à noite”. Na prática, Malcolm X pretendeu, em Harvard, em 1960, que “centenas de milhares de *Muslims* se voltassem em direção a Meca cinco vêzes ao dia orando a Alá”, mas Mr. Elijah Muhammad sabe bem não ser isto verdade, desde que afirma: “Aproxima-se o dia em que os vereis subir ao cume dos minaretes, proclamar a glória de Alá e se reunirem nas mesquitas como os bons muçulmanos da

Arábia Saudita, do Iraque, de Marrocos ou do Paquistão” (Udom, p. 204). Na realidade, o “culto” dos *Muslims* consiste, sobretudo — e culmina — de uma a três vêzes por semana, com um officio religioso, celebrado no *Temple of Islam*.

Trata-se aqui da ambivalência fundamental do Movimento dos *Muslims*. A mesquita muçulmana clássica é, essencialmente, o oratório onde os fiéis se reúnem para rezar a Deus em público, na sexta-feira e nos dias santificados. A sexta-feira é o dia santificado tradicional: os crentes, sendo bastante numerosos — e sedentários — devem-se dirigir à mesquita. Um dêles, o mais qualificado, o *imân*, dirige a oração. É a mesquita um edificio austero, sem altar, sem nenhum local para um sacrificio inexistente, às vêzes dotado de um púlpito, sempre munido de um nicho — o *mihráb*, que indica a direção de Meca, a *Qibla* (donde o francês “cible”). Ora, se os *Muslims* fazem orações em seus Templos, se as fazem preceder de abluções, se, em seguida, passam as palmas das mãos pelo rosto, o texto dessa oração — tal como aparece, abreviadamente, à p. 64 na segunda edição de *The Supreme Wisdom*, e tal como Essien-Udom a reproduz integralmente (p. 240) — compõe-se de três partes. Inicialmente, a introdução do primeiro capítulo do Corão (*Al Fátiha*), em versão inglêsa: *In the Name of Allah, the Beneficent, the Merciful | All Praise is due to Allah, the Lord of the Worlds | Master of the Day of Judgement*. Vem então a versão “renovada” da Profissão de Fé: *I bear witness that there is none to be worshipped, but Allah | And that Muhammad is His Servant and Last Messenger*. Enfim, vem a “oração pela Profeta” e por Abraão, adaptada às circunstâncias de tempo e lugar americanos: “*O! Allah, Bless Muhammad here in the Wilderness of North America, and bless the followers of Muhammad too, as Thou didst bless Abraham, and the followers of Abraham. O! Allah, make Muhammad successful, and the followers of Muhammad successful, here in the Wilderness of North America, as Thou didst make Abraham successful, and the followers of Abraham*. Notar-se-á, uma vez mais, que não se trata de Maomé, mas de Mr. Muhammad, “nos desertos selvagens da América do Norte”. Finalmente, após uma frase de louvôr a Deus (*For surely Thou art Praised and Magnified in our midst*), os fiéis dizem *Amém*, pronunciado à moda árabe — *Amim*. Esta oração é, aliás, às vêzes feita em árabe.

O “culto”, duas vêzes por semana, põe em destaque certo número de traços copiados da *Negro Church*, desta Igreja negra cristã, praticamente segregacionista, sôbre a qual E. Franklin Frazier escreveu (em 1957), que era “a mais importante instituição já construída pelo negro americano”, — a partir da *Negro Plantation Church*, que os sociólogos chamam *The Invisible Institution*. Para o escravo, sua igreja miserável era o único local de reunião autorizado e o único lugar onde se sentia seguro. Desde o fim do século XVIII os metodistas (em 1784), depois os batistas (em 1789), ti-

(15) É a *tasliya*, que os muçulmanos sunitas recitam em cada uma das cinco preces.

nham querido declarar a escravidão contrária à lei de Deus, e as primeiras igrejas metodistas e batistas negras foram criadas: African Methodist Episcopal Zion Church e Abyssinian Baptist Church.

Nos Estados Unidos, todo edifício destinado a um culto é um *Temple*, seja este protestante, judeu, ou mesmo maçônico: o que explica que os *Muslims* não usem a palavra *Mosque* (mesquita, do árabe *masjid*). Eles dizem apenas — *Temples of Islam*. Há cinquenta destes, e Essien Udom forneceu a lista e endereços dos mesmos (p. 368). O mais importante é o *Temple* n.º 2 (fundado em Chicago em 1934). É uma antiga sinagoga. O de Riverside (Califórnia) era uma loja maçônica. Não é de admirar: as Igrejas cristãs negras fazem o mesmo — à procura de um local, alugam ou compram não importa o quê, uma sinagoga ou um “drug-store”. Até em 1959, os *Muslims* utilizavam mesmo igrejas cristãs consagradas. São pois êsses *Temples of Islam*, simples salas de reunião, sem *mihráb*, mas (ao contrário das mesquitas verdadeiras) mobiliadas com cadeiras e providas de um quadro negro, de um estrado e de uma carteira. No quadro, vê-se um negro enforcado suspenso sob a bandeira americana; ao lado, a palavra *Christianity*, sobre a Cruz da Opressão. Na parede a bandeira nacional da *Nation of Islam*: vermelha, com o crescente e a estrêla com cinco pontas de côr branca. A escolha dos dias de culto tem influência cristã: domingo à tarde, quarta-feira (e, às vêzes, sexta-feira) à noite⁽¹⁶⁾. Os fiéis sentam-se sobre cadeiras, mas as mulheres são separadas dos homens e colocadas atrás deles, ou ao lado do estrado. A ordem é mantida pelos jovens de uma organização paramilitar, *The Fruit of Islam* (F.O.I.).

Sabe-se que não existe clero no Islamismo. Os *Muslims*, geralmente provenientes do Protestantismo, conservaram os “ministros” (*Ministers*), os quais muitas vêzes são antigos pastôres batistas ou metodistas. Viu-se que Mr. Elijah Muhammad e Malcolm X são ambos filhos de ministros batistas; em Washington, Lucius X é antigo adventista-do-sétimo-dia; em Boston, Louis X (Gene Walcott)⁽¹⁷⁾ é antigo membro da Igreja Episcopal e sua espôsa era católica. Os “ministros” dos *Muslims* têm um papel importante. Não que sejam “padres”, já que o Islamismo não tem sacramentos, mas porque têm por missão, cada semana, “falar” aos fiéis reunidos em seus templos. Suas alocações constituem a essência do *service*. Efectivamente, a música e o canto são proibidos, pois os gritos e gemidos (*shouting and wailing*) são tidos como características dos *Negro Preachers*. Única e rara exceção: toca-se, às vêzes, o disco gravado pelo Ministro Louis X (antigo cantor romântico) em ritmo de calipso: “O Paraíso do Branco é o Inferno do Negro” (*A White Man's Heaven Is a Black Man's Hell*). A calma, o silêncio são, portanto, exigidos; porém a assembléia

(16) Já em 1913, os *Moors* de Noble Drew Ali se reuniam às quartas e domingos, respeitando o descanso da sexta-feira.

(17) Autor da peça *The Trial*, na qual o Homem Branco é julgado e condenado à morte.

acentua a pregação “ministerial” com interjeições bem sentidas, entoadas em côro, tais como *Make it plain!* (Explicai-vos!), ou *That's right!* (É isto mesmo!).

Em que consiste a alocação (*lecture*) pronunciada pelo “ministro”? De modo geral, êste começa escrevendo no quadro algumas frases em árabe explicando que o “árabe é a língua original do homem prêto”. Um exemplo — sempre o mesmo — é dado como prova: o de um escravo da Carolina do Norte que era, parece, de língua árabe, muçulmano e matemático. De fato, o vocabulário dos fiéis se limita à troca dos “salamaleques” (*as salâmu a'laykum*) rituais. A história dos negros é comentada de maneira fantasista. O orador lembra que os “negros reinaram sôbre o Egito e a Etiópia, combateram ao lado dos romanos os selvagens britânicos, descobriram a América e pilotaram a caravela de Colombo” (Lincoln p. 120). Além disso, tôda a história universal foi escrita, antecipadamente, por vinte e quatro sábios negros (p. 121). Lomax, influenciado pela dialética de Malcolm X, não hesita em apresentá-lo como um especialista em história da África (p. 59). Uma fotografia de seu último livro (1964) apresenta um grupo de *Muslims* visitando um museu de antigüidades egípcias, com esta legenda: “Tal era nossa cultura antes de nosso rapto (*kidnapping*) pelos brancos”. São inevitáveis as posições extremas dêste gênero, em reação contra a ignorância e o desprezo anteriores. O homem negro acha-se à procura de seu passado: há algo mais legítimo? Seria, porém, necessário que a história da África fôsse tratada de maneira objetiva e científica. Infelizmente, êste nem sempre é o caso: encontravam-se, recentemente, em Gana, cartões-postais demonstrando que tôdas as invenções técnicas da humanidade foram de origem negro-africana, e são conhecidas no Senegal as teses pouco consistentes de um Cheikh Anta Diop. Não é, portanto, surpreendente vê-las retomadas pelos *Muslims*. A seguir, seus “ministros”, incansavelmente, repetem os temas favoritos do movimento: a proeminência dos negros, os malfeitos diabólicos dos brancos, o triunfo final dos primeiros sôbre os segundos, o Islamismo, religião dos negros — seus princípios e seus preceitos, suas proibições e suas sanções. O crente sente-se à vontade, tornou-se membro solidário de uma religião à sua medida, feita para êle, pelos da própria raça.

Um certo número de ritos de iniciação vem reforçar êste sentimento de eleição: “privados de rito religioso e de cerimônias, os *Muslims* tiram alguma satisfação dos rumôres, de um segredo aparente e das fôrças ocultas de Alá” (Üdom, p. 251). Já se foi o tempo, segundo Beynon (1938), em que “era do dever de cada *Muslim* oferecer, em sacrifício, quatro diabos brancos, a fim de conseguir a volta do Mahdí a Meca”. Mas a obsessão pela segurança traduz-se, em particular, pela inspeção minuciosa dos fiéis, à entrada dos templos e das escolas, o que não deixa de causar certo estado de tensão, aliás desejado. Da mesma forma, devem os pedidos de admisão ser redigidos, até por quase analfabetos, copiando-se uma fórmula,

sem erros e respeitando-se as maiúsculas abusivas. Assim também os nomes de família devem ser repudiados e substituídos por X (daí: Louis X, Malcolm X), exceto para os dignitários que têm direito a nomes “orientais”; por exemplo, Malcolm X é chamado *Shabazz*. Tudo isso faz pensar numa sociedade secreta. Não é talvez por simples acaso que tantos Templos do Islã tenham por local uma loja maçônica, alugada para tal fim. A primeira loja maçônica negra foi fundada em 1784 por um metodista negro de Cambridge (Mass.). Nos Estados Unidos, pode-se ser pastor e maçom, tal como o célebre negro John Marrant que publicou, em 1785, a narrativa de seu cativeiro entre os índios. Da mesma forma, em 1960, um importante *Muslim* de Troy (N.Y.) é maçom. Viu-se que W. Fard empregava textos maçônicos. E ler-se-á, com interêse, uma declaração de Mr. Elijah Muhammad (Atlanta, 1961): há, diz êle, na América três milhões e meio de *Muslims* “indiretos”; são os *Higher Masons*, denominados *Shriners*; pois, a partir do 33º Grau, um franco-maçom se chama de um *Moslem Son* e se volta em direção à Meca.

Após a Profissão de Fé e a Oração, o terceiro preceito canônico do muçulmano é o do jejum do Ramadân: todos os crentes de ambos os sexos, juridicamente “capazes” (*mukallaf*), devem então, da alvorada à noite, durante um mês lunar, abster-se de todo alimento sólido ou líquido e não fumar. É esta uma das práticas religiosas fundamentais do Islamismo, que dá colorido ao mundo muçulmano anualmente, e que paralisa a vida econômica, enquanto aumenta — não sem risco de hipocrisia — os sinais externos da devoção e do fervor. Ora, os *Muslims* não parecem submeter-se aos mesmos. Em todo caso, não se fala no assunto, e nem Lincoln nem Lomax o assinalam⁽¹⁸⁾. Bem parece que o esforço se tenha concentrado num domínio vizinho: o das proibições alimentares.

Sabe-se, efetivamente, que o Corão proíbe o uso das bebidas fermentadas (*khamr*) e o consumo da carne de porco (*khinzir*). Êstes dois pontos são retomados, sem equívoco, pelos *Muslims*: nada de “*Alcoholic juices*”, nem vinho, nem licor, sob qualquer pretexto. O porco é imundo (Supr. Wisd, p. 22) e proibido por Deus: *The Hog Meat is divinely forbidden by Almighty God*. Em Atlanta, em 1961, Mr. Elijah Muhammad pronuncia um discurso contra o porco imundo e seu nome árabe *Khainsuer* (?) que êle assim explica: “*khain*” quer dizer “eu vejo”, e o “*suer*”, “muito sujo, repugnante” ... Falando com Lomax sôbre os casamentos inter-raciais, Malcolm X, em 1963, exclama: “Como pode um negro desposar alguém que coma carne de porco?” Ao conhecer-se a importância da carne de porco na alimentação americana, apreciar-se-á a extensão do sacrifício exigido aos *Muslims*. Há, porém, ainda mais. O movimento prescreve a seus adeptos um verdadeiro regime, essencialmente dietético, que parece motivado por três diferentes considerações. De uma parte, a abstenção dos peixes sem escamas e dos crustáceos relembra as prescrições dos judeus

(18) Salvo uma declaração de Malcolm X a Lomax, fins de 1963.

Kásher. Por outro lado, os cardápios, à base de legumes e de frutas, são econômicos: a carne é desaconselhada (*no meat is good for us*), o coelho e a caça proibidos. Dêste modo, com uma única refeição diária (a da noite), pode um *Muslim* viver com 40 dólares por semana — contra 140 para um *Christian so-called Negro* (Udom, p. 376). Enfim, a proibição de se comer pão de milho (*corn bread*) e *collard greens* bem demonstra tratar-se, sobretudo, da renúncia aos pratos favoritos dos negros do Sul, que estão “num regime de escravos”. James Baldwin, que jantou à mesa de Mr. Muhammad, elogia os pratos simples e saudáveis, e Lomax exalta o *bean pie*, glória dos lares e dos restaurantes *muslims*.

A quarta “coluna da fé” é a “*zakât*”. A palavra árabe significa “purificação”, porém na realidade trata-se de um óbulo legal, de uma contribuição voluntária — por meio de dinheiro, colheitas e gado — que todo crente deve fazer, anualmente, em favor dos pobres e necessitados. Na prática, o dízimo era recebido pelos representantes da teocracia muçulmana. Existe, entre os *Muslims*, algo semelhante, a que chamam de “dever” (*duty*). Cada fiel deve a seu Templo o dízimo de seus lucros semanais ou anuais (Udom, Lomax), às vezes até o terço de suas rendas (Lincoln). Entre 1958 e 1960, cada qual comprometia-se a dar, por cabeça, de 105 a 205 dólares por ano (Udom). Por outro lado, a ordem é: comprar-se somente aos negros (*buy Black*) e, em qualquer hipótese, em prioridade, o que eles têm à venda, isto é, o *double duty dollar*. Os *Muslims* têm suas próprias lojas e restaurantes. Outro recurso: os que ganham apresentando queixa contra as brutalidades dos policiais. Lomax (1964) calcula que tenham recolhido 250 mil dólares desde 1959 (p. 71). É, portanto, inútil indagar-se, com James Baldwin, de onde vem o dinheiro. Apenas em Chicago, em fins de 1960, possuíam os *Muslims* imóveis no valor de 500.000 dólares (Lincoln, p. 18). Todavia, a renda global anual dos vinte milhões de negros americanos foi avaliada em mais de vinte bilhões de dólares, isto é, uma soma superior à renda nacional total do Canadá. Os *Muslims*, bem entendido, conhecem essa cifra, da qual aproveitam as conseqüências (Baldwin, p. 88).

Enfim, resta a peregrinação aos lugares do Islã, ao menos uma vez na vida, se isto é possível — isto é, caso a saúde, a segurança e as finanças o permitam. Desta maneira, desde há treze séculos, 150.000 muçulmanos, anualmente, vão a Meca. Aí também os *Muslims* se ausentam, mesmo sendo verdade que “tenham grande estima pela peregrinação tradicional a Meca” (Lincoln). Mr. Elijah Muhammad realmente se dirigiu à Arábia, mas a 24 de dezembro de 1959 (Natal), portanto fora do período e do mês prescritos para o cumprimento canônico do *hajj*: o que fez foi uma visita piedosa a Meca, o que se chama de uma *'umra* ⁽¹⁹⁾. porém Malcolm X explorou ao máximo tal viagem, dizendo: “Os que não são ortodoxos não vão a Meca”. (Lincoln, p. 223). Mesmo sendo o argumen-

(19) Ou “peregrinação menor individual”.

to especioso, fechou êle a bôca aos detratores e, em 1964, Lomax (p. 61) constata que a “peregrinação de Mr. Muhammad pôs em ordem, positivamente, a questão da ortodoxia dos *Muslims*”.

Vê-se, portanto, que a maneira pela qual os *Muslims* entendem ou aplicam os dogmas ou preceitos do Islamismo fâcilmente se presta à controvérsia. Sua moral, em compensação, é um ponto que todo o mundo reconhece a seu favor.

A MORAL DOS BLACK MUSLIMS

No Islamismo não existe noção do “pecado”, no sentido cristão da palavra — ainda menos de “pecado original”. A não-observância da Lei religiosa é, efetivamente, uma “impiedade” (*kufr*). Apenas se castiga o “estigma social” das infrações. Particularmente, a ética sexual muçulmana não se acha obsedada pelo “terrorismo anti-sexual” que o sexologista francês René Guyon revela nas sociedades “cristãs” da Europa e da América. Para o puritano anglo-saxão, sexo é pecado (*Sex is Sin*). Como tão bem o diz James Baldwin: “Estou longe de convencer-me de que valeu a pena desembaraçar-se da magia africana, para depender do psiquiatra americano” (p. 104). E o negro americano, como seus compatriotas de raça branca, é prisioneiro de uma estrutura social que confunde o amor com o sentimento infantil da felicidade (Baldwin, p. 103). Nenhuma de nossas sociedades “civilizadas” contemporâneas ainda se aproxima da liberdade sexual — as Repúblicas “socialistas” sem dúvida ainda menos que as outras, com sua defesa da “moral proletária”. O Islamismo, tolerando a poligamia — mesmo limitando-a a quatro mulheres legítimas (mais, em verdade, tantas concubinas legais quanto possível) — reconheceu a necessidade física e moral da mudança. Sua atitude é infinitamente menos hipócrita e nociva que a que leva, por exaltação do “casal” monógamo sempiterno, ao adultério, ao divórcio, à prostituição, ao abôrto. Infelizmente, os *Muslims* se devem conformar com as leis americanas que só admitem a monogamia. Os mormons tiveram de fazer o mesmo. Portanto, não são polígamos⁽²⁰⁾. Por outro lado, são levados a reagir contra as “facilidades” escravagistas que clarearam a tez de tantos, “protegendo suas mulheres” — isto é, a se mostrarem extremamente rigorosos no setor em que seus senhores tanto abusaram dêles.

Daí resultar uma dignidade, uma segurança da mulher negra que impressiona todos os observadores: tanto Lincoln como Lomax, Baldwin como Udom. “Não se poderia, escreve êste (p. 101), subestimar o prestígio, entre as mulheres dos *Muslims*, do sentimento que adquiriram, recentemente, de respeito por elas próprias e pela sua dignidade”. A prática sexual ilegítima e o adultério são castigados. As mulheres dizem *Sir*

(20) E o divórcio é admitido, mas desaconselhado.

(ou *Brother*) aos homens — até mesmo aos maridos. Conservam-se cuidadosamente afastadas dos brancos e os *Muslims* opõem-se violentamente aos casamentos inter-raciais. Malcolm X, acerbamente, fez notar a Lomax que os negros “integracionistas” dos Estados Unidos são ou casados ou amigados com uma mulher branca — “o que prova que têm vergonha de ser o que são” . . . A separação dos sexos é obrigatória, tanto no Templo como na escola confessional. Por ocasião do seu jantar em casa de Mr. Elijah Muhammad, James Baldwin notou as relações naturais e alegres, sem dissimulação, entre homens e mulheres, porém cada sexo comia em mesa separada. O véu é apenas uma interpretação estrita de um versículo do Corão (XXXIII, 59) que recomenda às mulheres dos crentes “fechar sôbre si” os véus; nunca foi usado, em canto algum, no meio rural ou entre os nômades, e a África negra (excetuando-se Zanzibar, a Nigéria setentrional e as famílias dos “marabutes”) ignora-o completamente. Entretanto, os *Muslims* cobrem a cabeça — mas não o rosto — das filhas e das espôsas com um véu branco (*headtie*) e as vestem com vestidos longos, de mangas compridas e gola alta. Nada de jóias ou pintura. Esta austeridade vai até a proibição do famoso *dating* americano, dos encontros entre rapazes e môças. Termina-se, assim, por chegar a verdadeiros tabus sexuais, de que se queixa a juventude por tôda a parte. E Lomax (1962, p. 189), ao ver desfilar, em Washington, centenas dessas mulheres de branco, cabeça descoberta, suspira: “Eles não crêm mais, nem no Homem Branco, nem no Sonho Americano”! Não é verdade que os negros se sentiram rejeitados pelo *American Dream*? A Declaração da Independência concede a todos os homens “o direito à vida, à liberdade, à procura da felicidade (*the right to life, liberty, and the pursuit of happiness*), porém foram necessários cerca de dois séculos (1776-1964) para que se votasse o *Civil Rights Bill*.

A moral pública e privada dos *Muslims* acha-se sujeita a outras normas restritivas. Em princípio, há vinte e uma delas (Udom, p. 228). Desta forma é proibido o uso de entorpecentes (*dope*) e até mesmo do fumo. O tabaco, sendo de origem ameríndia, só foi introduzido na Europa no século XVI e daí, posteriormente, no Oriente e na África. O Corão, portanto, não fala do mesmo, mas os muçulmanos têm opiniões divergentes a seu respeito: uns o admitem, outros o condenam tolerando-o, ainda outros o acham repreensível. Os *Muslims* seguem, neste ponto, os *Moors* de Noble Drew Ali que não tocavam em álcool, fumo, carne e ovos. Porém eles os ultrapassam em rigor: nem jogos, nem bailes, nem cinema, nem esportes (o boxe, particularmente, é considerado como uma palhaçada, usada pelo público branco, amante desdenhoso e condescendente de exhibições humilhantes). O Corão proíbe os jogos de azar e principalmente a consulta da sorte por meio de setas. Os *Muslims* põem seus adeptos em guarda contra os inúmeros “charlatões” que se fazem passar por *Spiritual Advisers* (conselheiros espirituais) e, tradicionalmente, re-

crutam sua clientela entre as negros crédulos⁽²¹⁾. Finalmente, não se vêem quais as distrações permitidas aos *Muslims*.

Em princípio, não votam. Porém, em 1962, em Yale, Malcolm X declarou que os oito milhões de abstencionistas negros (sobre onze milhões de eleitores) poderiam obedecer às suas palavras de ordem e, em fevereiro de 1963, Mr. Muhammad, em Chicago, retirou a proibição do voto. Na medida em que o serviço militar é um derivativo, os *Muslims* são também privados do mesmo; êles preconizam a resistência e desobediência civis ao recrutamento (*draftresistance*) e parecem procurar a situação dos que alegam objeções de consciência. Mr. Elijah Muhammad foi êle próprio prêso, por causa disso, de 1941 a 1946. Na prática, entretanto, encontram-se *Muslims* no Exército, porém êles aí experimentam dificuldade. Conheço um *Muslim* de uns trinta anos de idade que me disse ter sido expulso da aviação por uma Côrte Marcial, por ter persistido em conservar a barba: “Era uma questão de princípios. Eu era muçulmano, fazia minhas cinco orações e me recusava a comer carne de porco. Enviaram-me um capelão, que recusei ouvir”. Observar-se-á, enfim, que os *Muslims* não praticam a circuncisão, conquanto de uso universal nos países islâmicos, mas que, apesar de tudo — o Corão nada diz sobre o assunto — não deixa de ser um costume obrigatório.

Portanto, é o *Muslim* alguém extremamente rigoroso no seu comportamento moral e social. “Não se vê, jamais, diz Lomax (1962, p. 190), um *Muslim* sem camisa limpa e palitô; nem a beber, fumar, dançar, ou a tomar entorpecentes; nem com outra mulher que não seja a sua; ou sem recursos; ou ainda que não venha em auxílio de uma mulher negra em dificuldade. Vê-se raramente um *Muslim* reincidente”. Conta-se que Malcolm X quis, um dia, converter um batista: “É preciso que deixes de beber, jurar, jogar, fumar e enganar tua mulher”. — “Neste caso, responde o outro, creio preferível conservar-me cristão!” — (Lomax, 1964, p. 51). Todo o mundo reconhece também que os *Muslims* fazem uma obra meritória de recuperação dos condenados, entre os quais recrutam parte de seus adeptos. Em Santa Mônica (Califórnia), um pastor metodista negro, em abril de 1964, acolhe de boa-vontade seus propagadores, “porque trabalham bem nas prisões, onde recuperam quinhentos a seiscentos detentos anualmente”.

Além disso, prevêem-se sanções em caso de culpa grave: estas vão do simples isolamento à expulsão temporária e à excomunhão. Uma medida disciplinar de tal gênero não desfaz, aliás, todos os laços do culpado

(21) Essien-Udom (p. 214) enumera êstes “charlatões” tipicamente americanos: *home-cure doctors, luck sellers, charm sellers, dream interpreters, symbol readers, number givers, number writers, love solvers, success - finders, one world friend finders, Pennsylvania Dutch Hex signs tellers, Horoscop readers, prayer candle sellers and readers, spiritual blessing sellers, just arrived from Mars sellers, special blessing sellers, Extra special blessing sellers, twig branch, stump and root sellers, clay from the Delta swamp curers, water from Alaska cure all, and the dirt from any back yard will get your money sellers. All these \$ 2,98 specialists*. Não se pode deixar de pensar que é necessário um “substituto” a tais amadores de “feitiços”.

com o Movimento. Udom cita um *Muslim*, expulso por práticas sexuais ilegítimas, que continuava a pagar, semanalmente, vinte dólares. Desde 1937 acha-se a organização paramilitar *Fruit of Islam* encarregada de fazer respeitar a ordem e as interdições legais.

Muito se falou do ódio racial dos *Muslims*, de suas invocações à “Grande Noite” (*Which one Will Survive the War of Armageddon?*), do risco latente que representam para a segurança das pessoas e dos bens. Há algum tempo, esforçam-se eles por tranquilizar seus adversários — e também se justificar. Em Washington, a 31 de maio de 1959, Mr. Elijah Muhammad explica a razão de seu Movimento ter *rejeitado* os Estados Unidos, sendo no entanto composto de cidadãos cumpridores das leis (*law-abiding citizens*). Relembra êle os quatrocentos anos de escravidão, o sangue derramado pelos negros “pela liberdade” nas guerras, e também, a injustiça, os linchamentos, as violações. Exclama: “Lincoln não era vosso irmão; não era mais vosso amigo do que George Washington”. E acrescenta: “Quando vamos pedir justiça, zombam de nós e nos dizem: é bom para ti, negro! (*That’s good for you, nigger*)”. Numa palavra: “Devemos continuar a pedir liberdade, justiça e igualdade às pessoas que as inscreveram em sua Constituição e foram incapazes de no-las entregar? Iremos derramar nosso sangue e morrer por esta Constituição?” Malcolm X diz a Lomax: “Espero sempre poder ler que alguém tenha comido um sanduíche “integrado” em Birmingham!”.

Os observadores objetivos do Movimento não podem negar ter êle destruído as estórias infantis do *Little Black Sambo*, a resignação louca dos *Uncle Tom* e a satisfação farisaica da *Black Bourgeoisie*. Êle restaurou a dignidade do negro humilhado há gerações, daquele que os brancos se recusavam a ver — *The Invisible Man* de Ralph Ellison (1947). E permite-lhe reencontrar a identidade perdida. Lomax constata que as Igrejas cristãs “de côr” foram obrigadas a fazer um balanço: nenhum Evangelho poderá ser, de agora em diante, aceito pelos negros se não corresponder às críticas lançadas pelos *Muslims* contra o Cristianismo. Como disse James Baldwin: “Outros entre nós possuem a fé, mas os *Muslims* têm os fatos”. Finalmente, Lincoln define o Movimento como “um protesto social dinâmico que possui um apoio religioso”. James Baldwin, porém, é quem tem a última palavra. No *The Fire Next Time* (1963) êle escreve frases que soam bem alto: “A verdadeira razão pela qual a não-violência é considerada virtude entre os negros ... é que os brancos não querem ver ameaçar-lhes a vida, bens ou a imagem que fazem deles próprios”. Os *Muslims* restituíram a seu povo “o sentimento do próprio valor... O negro tornou-se uma bela côr, não porque se goste da mesma, mas porque é temida”.

É UM CULTO, UMA SEITA OU UMA RELIGIÃO?

Em última análise, não se pode fugir à questão exposta por Lincoln (p. 210); “Na medida em que o movimento conserve a mesma “côr” dos

povos “negros” em ascensão da África e da Ásia, poder-se-ia desfazer de todos os atributos islâmicos — do seu nome, das suas orações a Alá, das citações do Corão, de tudo enfim — sem arriscar, de forma alguma, “comprometer sua influência sobre as massas negras”. Lincoln não pensa que se trate de uma “religião legítima” (p. 213): em todo o caso, quem provaria o contrário? (p. 212). Se fôsse apenas um culto, seria (segundo J. Milton Yinger, 1957) “um grupo relativamente pequeno, organizado em torno do carisma de um dirigente em desacôrdo com a ordem social estabelecida, e também com a Igreja dominante de sua sociedade”. Lincoln rejeita essa definição restritiva e crê que se trate mais de uma “seita” dirigida por um “profeta” que de uma “igreja” dirigida por um padre. E não duvida que essa “seita” não seja muçulmana. Lomax põe em dúvida que o movimento seja bem uma religião (1964, p. 15). A hostilidade dos muçulmanos “brancos” ortodoxos dos Estados Unidos — são eles 33.000 (Lincoln) ou 100.000 (Malcolm X)? — a invalida? As tendências, sem dúvida, irão mudar de direção, sob influência externa. Um muçulmano egípcio, “altamente situado”, não disse a Lomax (1964, p. 63): “Vossos *Black Muslims* estão mal informados. Porém voltam-se para Alá e Meca — e não é isto o que vale”? Um amigo mauritano que viu os *Muslims* em Chicago, em 1963, assegurou-me que os considera, sem dúvida alguma, muçulmanos: acrescenta que eles o receberam bem porque o tomaram por um negro. . . Em questão de “racismo”, Lomax chega até a escrever (1964, p. 65): “Se não tivesse havido nem escravatura, nem colonização, todos os fiéis de Cristo seriam europeus” . . .

Os *Muslims* são, na realidade, muçulmanos autodidatas, recrutados na sua maioria, entre semi-analfabetos, tendo de sua religião apenas um conhecimento elementar. Por outro lado, é perfeitamente exato que “misturam tudo”, a Bíblia, o Corão e o resto, e que sua fé é um sincretismo islamo-cristão. Afirma-se que eles têm “o batismo de desejo”. Milhões de Cristãos não se acham em caso semelhante? Mas o Movimento evolui simultâneamente, para o arabismo e para a África, e esta dupla tendência vai-lhe certamente orientar o teor.

A língua árabe, sendo considerada a língua original dos negros, deve ser reencontrada e reaprendida. É êste um dos objetivos principais das duas *Universities of Islam*, em Detroit e em Chicago, que são antes “escolas paroquais” (Lincoln), isto é, *madrassa* tradicionais, onde é ensinado o árabe a alunos dos dois sexos, por mestres orientais. Esforçam-se por ultrapassar o nível dos famosos *Three Rs* (“os três R”): *reading, ’riting and ’rithmetic* (22) — constatando-se, parece, que “o homem médio não se serve senão de quatrocentas palavras”. Udom, que visitou tais escolas, encontrou, em 1960, 350 alunos em Chicago; nenhum sabia falar o árabe, porém os mais adiantados pareciam saber as orações e um pequeno número sabia ler e escrever frases elementares” (p. 226). O próprio Mr. Elijah Muhammad

(22) Ler, escrever e contar.

não sabe ler, escrever ou falar árabe. Em 1961, todavia, enviou ao Cairo seu filho mais moço, Akbar Muhammad, o qual passou dois anos na Universidade de Al-Azhar. Ao voltar em 1963, Akbar comportou-se como um árabe, falou do Islamismo ortodoxo tradicional e da união dos negros (Lomax, 1964, p. 88). Por outra parte, os *Muslims* admiram o Egito — como país muçulmano, árabe e “negro” — e, em 1959, Mr. Muhammad e Malcolm X foram ao Cairo. Em 1956, aprovaram a URSS, pelo seu papel na questão de Suez. Eles falam tanto da “civilização árabe” do Egito como de *Alexandria-Africa* ou de *Cairo-Africa* (Udom, p. 208). Enfim, há a atitude a respeito de Israel. Geralmente, para os *Muslims*, os judeus são brancos como os outros. Entretanto, em 1958, em Harlem, Lomax (1962, p. 180) ouviu um orador lembrar aos negros que os mesmos trabalham oito horas diárias e cinco dias por semana por 44 dólares, e isso para Goldberg, Eisenberg ou Weinberg.

Por sua vez, Malcolm X disse a Lincoln (p. 166) que era anti-sionista, por solidariedade muçulmana. É evidente que, em 1964, avaliam-se em duzentos milhões de dólares os fundos recolhidos pelos cinco milhões e meio de judeus americanos “para fins filantrópicos nos Estados Unidos e ultramar”⁽²³⁾ E o Presidente Johnson é, às vezes, ameaçado — por exemplo, a propósito do modo como recebeu, em Washington, o rei da Jordânia — de ver votar contra ele todos os eleitores judeus⁽²⁴⁾. Além disso, o racismo tem duplo sentido: uma recente enquete da Universidade de Chicago (*Time*, 5 de junho de 1964) demonstrou que “os judeus desta cidade têm um forte preconceito racial contra os outros grupos e, principalmente, contra os negros e os porto-riquenhos. Quanto aos negros, são quase tão anti-semitas quanto os brancos de origem européia”. Em todo caso, compreende-se o interesse demonstrado pela obra de Lincoln, cujos trabalhos foram subvencionados pela Liga contra o Anti-Semitismo dos *Sons of the Covenant*. (*B'nai B'rith*), organização judia fundada em Nova York, em 1843. Infelizmente, a imprensa americana assinalou, no princípio do mês de maio de 1964, bandos de “vingadores” negros — os *Blood Brothers* de Harlem — que assassinam brancos e, principalmente, judeus; de imediato, constituíram êstes, grupos de autodefesa. Nada prova, realmente, que possam os *Muslims* ser responsáveis por tais violências. Seja como fôr, o sentimento antijudeu e pró-árabe é agora um fato e já há *Muslims* que vão se estabelecer no Cairo; eu mesmo encontrei alguns. É, pelo menos, a evolução do que se poderia chamar o “ramo mais velho” dos *Muslims*, o que ainda segue Mr. Elijah Muhammad; e é de acreditar-se venha êle a se tornar cada vez mais ‘ortodoxo’.

(23) *The Vanishing American Jew*, por Thomas B. Morgan, *Look*, 5 de maio de 1964, p. 42-46.

(24) Ralph de Toledano, no *Evening Outlook* de Santa Mônica, de 24 de abril de 1964.

Sabe-se que Malcolm X fundou, em 1964, “um ramo mais môço”. Este parece sobretudo voltado para a África Negra. Até então, a posição do Movimento era, curiosamente, marcada no sentido de um verdadeiro ódio pela “negritude” (*Negroness*); um nigeriano como Essien-Udom ficou impressionado com isto (p. 22). A princípio, pelo menos, os *Muslims* cuidavam principalmente de nada terem em comum com os “Zulus”, os “selvagens” (p. 40) e nunca deixavam de rejeitar o nome de “ditos negros” (*so-called Negroes*). Seu verdadeiro nome, diziam eles, era o de “asiáticos”, pois a África não era mais do que uma parte da Ásia, a antiga Ásia do Sul (Udom, p. 218 e 400). Também Udom observou (p. 218) que os “negros (americanos) que sempre tiveram alguma simpatia pela África, ou os que, atualmente, se orgulham da origem africana, são adversários declarados dos *Muslims*. Além disso, organizações negras rivais impediram que Sékou Touré se encontrasse com Mr. Muhammad, em Harlem, em 1959.

Entretanto, conta o Movimento, segundo Lincoln, de dez a quinze mil antigos partidários de Marcus Garvey. Este jamaicano, denominado o “Moisés negro”⁽²⁵⁾, fundou, em 1914, a *Universal Negro Improvement Association* (U.N.I.A.), que afirmava ter dois milhões de adeptos em 1919. Objetivo: uma África negra independente e unida. Os negros americanos voltavam-se, então, para a Libéria, mas, em 1924, impelido pelos ingleses e franceses, o presidente Charles King recusa-se a oferecer seu país como “cabeça-de-ponte” aos emigrantes voluntários. Garvey perde terreno nos Estados Unidos, é aprisionado em 1925 e morrerá em Londres em 1940, deixando alguns fiéis da UNIA em Detroit, adeptos de sua *African Orthodox (Episcopalian)*.

Os *Muslims*, certamente, aclamam a independência das jovens nações africanas, cujos campeões exaltam, tais como Nkrumah, Azikiwe ou Senghor (Udom, p. 408). Mas, “Nação dentro de uma Nação”, eles procuram um lar próprio, uma Sião para acolhê-los. Este *Black Zionism* (Udom, p. 274) exprime-se pela reivindicação de um Estado separado, levantado sobre o território dos Estados Unidos: *We must have some land!* Não deu Deus a Terra prometida a 600.000 hebreus? (Malcolm X, em Harlem, 1960). Isto não seria, afinal, senão uma indenização por séculos de trabalhos forçados — *back payment for slave labour* (James Baldwin). O grito ressoa em toda parte: “uma boa terra!” (*some good earth*). Mr. Muhammad explica a James Baldwin que ninguém é respeitado se não tiver sua própria terra. Quantos Estados reclamam eles? Ora quatro ou cinco, ora seis ou sete ou ainda nove ou dez — até a quinta parte da superfície dos Estados Unidos (Lincoln, p. 4). Pretende Lomax que Mr. Muhammad teria recusado a oferta oficiosa do Mississippi (1962, p. 187). Não é, pois, questão de uma volta à África, velho sonho incessantemente retomado, desde Paul Cuffee, em 1815, que transportou às suas custas, nos próprios

(25) *Black Moses*, de Edmund Cronon, Madison, 1948.

barcos, trinta e oito negros da América para Serra Leoa, até os projetos liberianos de Marcus Garvey, em 1924, e o recente movimento *Come back to Africa*.

Na realidade, como tão bem o diz James Baldwin, “o negro americano é uma criatura singular, sem equivalente em nenhum lugar, e sem antecedente . . . , que se conserva — talvez com exceção do índio americano — a criatura mais desprezada deste país. . . O negro americano não pode (portanto) ter futuro em nenhum lugar, em nenhum Continente, enquanto se recusar a aceitar seu passado” (p. 92, 93 e 89).

Quer isto dizer que os *Muslims* fiquem indiferentes à sua origem africana? O chefe do ramo dissidente, Malcolm X, efetuou, em maio de 1964, uma peregrinação às fontes da negritude. Sua conferência aos estudantes negros da Universidade de Ibadan (Nigéria) teve grande sucesso, apesar das interrupções de um único contraditor — que foi expulso: era um negro da Guiana Britânica . . . Ao regressar aos Estados Unidos, Malcolm X fundou a “Organização da Unidade Afro-Americana” e fez declarações pacifista (em Chicago, a 23 de maio) sobre a fraternidade das raças que havia constatado na África e que provocara nele um “renascimento espiritual”. Depois, em julho de 1964, em Omaha (Nebraska), exclama êle: “É tempo de começar a bater-se”. Notar-se-á também que seu Movimento pretende ser mais “ortodoxo”, usando o nome de “Mesquita muçulmana” (*Muslim Mosque*).

A história de Cassius Clay é característica. Êste jovem pugilista negro, de vinte e dois anos, obteve, em Miami, em março de 1964, o título de campeão de pêso-pesado. Seu treinador (branco) descreve-o como um Narciso (*he loves his body*). Ao final da luta, vitorioso, êle exclama: “Sou tão belo! Sou o maior! Sou rei!” (*I'm so pretty! I'm the greatest! I'm the King!*). Acompanhado até Miami por Malcolm X, é êle descrito pela imprensa americana como uma “criança grande” (*man-child*) que os *Muslims* levam pela mão. Declara ao representante de *Life* (6 de março de 1964): “Achava-me à esquina da Rua 125 e da Avenida Lennox quando, pela primeira vez, ouvi a mensagem. Não sei quem era o orador *Muslim*, porém tudo o que dizia era sensato. Fêz-me pensar em muitas perguntas que eu próprio me havia feito. Mas não o segui imediatamente. Comecei indo às reuniões das associações, tais como a CORE, a “Urban League” e a NAACP. Estudei, a fim de conhecer, a religião dos católicos, das Testemunhas de Jeová, dos adventistas do Sétimo-Dia, dos batistas e dos metodistas. O que encontrei, de mais concreto, nas Igrejas, foi a segregação. Pois bem, agora aprendi a me aceitar e a ser eu mesmo. Sei que somos um homem original e o maior povo da terra e que nossas mulheres são rainhas”. Em consequência de tais declarações, correu o boato de que Cassius Clay havia fraudado sua luta e usurpado seu título; e êle foi reformado, por “incapacidade intelectual”, por uma junta de saúde.

Logo depois, Malcolm X o envia à África. A viagem é triunfal, Cassius Clay adotou o nome muçulmano de Mohammed Ali. Recebe um

terreno em Gana — e a cidadania ganense (permanecendo cidadão americano). A 1.º de junho, em Lagos, os nigerianos o aclamam: “Quem é o Rei?”, pergunta êle, e a multidão responde: “Clay, Clay, Clay!” Sua excursão termina no Cairo; em tôda parte é êle recebido como africano e mulçumano.

Arabismo e africanismo, tais são, portanto, as duas tendências atuais do Movimento dos *Muslims*, tanto de um ramo como do outro. A primeira fase parece, efetivamente, ultrapassada. Tratou-se, primeiramente, de obter o reconhecimento oficial de sua religião, ao lado dos “Três Grandes” dos Estados Unidos, dos únicos que têm uma existência legal: protestantes, católicos e judeus. Neste sentido, por exemplo, os *Temples of Islam* são isentos de impôsto — mesmo que o “culto” nem sempre seja tolerado nas prisões, mesmo que os *Muslims*, nas fileiras militares, encontrem dificuldades. É certo que o Movimento tem tôda a vantagem de se apresentar como uma religião — e não como uma organização política. Por outro lado, agora, Lomax (1964) pode escrever (p. 67): “Os *Muslims* têm seu Deus, seu Evangelho, seus ritos e são aprovados pelos chefes oficiais do Islamismo”. James Baldwin é, entretanto, de opinião diversa. A seus olhos, o negro americano “só pertence à América, não à África, e certamente não pertence ao Islamismo” (p. 89).

É não contar, parece, com a sêde de segurança religiosa, tão enraizada no coração de tantos sêres humanos. Fiquei impressionado com o interêsse dedicado ao Corão pelos *Muslims* — que o desejariam ler — e ao Islamismo — que desejariam conhecer melhor. E depois, seu Movimento fascina até mesmo os negros que dêle têm receio. Lincoln vê nisto uma “saída para a liberdade” (*escape into freedom*). Lomax pensa que serviu de “purificação” para os outros (*a catharsis for us*) e que “seu único aspecto positivo é que êles trabalham para tornar os negros orgulhosos de ser negros”. Qualifica Udom a atitude dos *Muslims*, com relação à vida, de otimismo trágico e de porta aberta à esperança. Até mesmo James Baldwin, conservando-se estranho ao Movimento e sentindo que poderia tornar-se adversário do mesmo, escreve (p. 87) após ter encontrado Mr. Elijah Muhammad: “Sentia-me bem próximo dêle e desejava verdadeiramente poder amá-lo e honrá-lo como tetsemunha, aliado e pai”.

A 24 de abril de 1964, o *Evening Outlook* de Santa Mônica reservava um suplemento especial de dezesseis páginas a uma entrevista sôbre *The Negro in the greater Santa Monica Bay Area*. É Santa Mônica, em escala americana, uma pequena cidade da Califórnia com menos de cem mil habitantes. É uma estação balneária que se parece com Nice, à margem de um Pacífico que sempre me pareceu glacial. Há oito mil negros em Santa Mônica e no bairro de Venice. Sua sorte seria privilegiada, em comparação com os quinhentos mil párias do *Black Ghetto* de Los Angeles, e o jornal se estende complacente, sôbre os três casos mais notáveis de êxito social. Mas o empresário de pompas fúnebres recorda que em

1943, não pôde, ao ser alistado na Marinha, ser mais do que servente; o garagista próspero foi expulso, em 1944, por haver pleiteado ser condutor de ônibus; e o cirurgião-dentista não pode levar seus filhos, de auto, ao campo, “por causa das humilhações que haveriam de sofrer”. Ainda acentuou-se outra coisa, com um modelo exemplar: a fotografia da capa do *Evening Outlook* representa um negro — o primeiro bombeiro de côr da cidade — subindo a escada simbólica do salva-vidas e do progresso. Pois bem, se, como confessa James Baldwin, “houver incêndio na próxima vez”, será preciso outra coisa para extingui-lo, que não o bombeiro de Santa Mônica! Afinal, é isso que o Movimento dos *Muslims* traz aos “filhos humilhados”: a dignidade, a altivez, graças à religião de quatrocentos milhões de homens — sob a condição, bem entendido, de repudiarem todo o exclusivismo racial, a fim de voltarem às fontes fraternais do universalismo do Islã.

THE BLACK MUSLIMS' RELIGION

The Writer intends, in his work, to get to understand the real nature of the Black Muslims' Movement through his perspective as an adept of Islamism.

After showing the written sources that allow such an understanding he presents a historical summary of the Movement and the chief biographic data of its founders and leaders.

Next, he emphasizes what the Muslims' faith consists of, as related to the Islamism and the Christian faith.

He still stresses the presence of characteristics of Madism, Charism and religious syncretism signs within the Movement.

Showing the heretical character of the Muslims' religion he points out the deformations both of historical and religious character, undergone by the traditional orthodox Islamism within the Movement. Further on, he studies how the basic koranic precepts with regard to the profession of Faith, Prayer, Fasting Alms and Pilgrimage are fulfilled by the Muslims.

Referring to the Muslims' ethics he points out its positive aspects that could give back to the American Negroes their dignity, and pride lost because of the rate of slavery and then he goes on debating whether the Movement is set up as a Cult, Sector religion.

The Writer states that the Muslims, self-taught Mohammedans, mostly recruited among half-illiterate people, have an elementary knowledge of their religion.

Further on, he evaluates the position of the Muslims with regard to the Jews, chiefly the Zionists, the Arabian peoples and Black African peoples, and arrives at the conclusion of there existing two tendencies within the Movement: Arabism and Africanism.

Closing the article the Writer emphasizes, once more, the regenerating power of the Movement concerning the acknowledgement on the part of the American Negroes of their human dignity and mentions the need for the Movement to come to reject all the racial exclusionism, what will allow it to find again the brotherly roots of the Islam universalism.

LA RELIGION DES BLACK MUSLIMS

L'Auteur a l'intention, dans son ouvrage, de parvenir à comprendre la vraie nature du Mouvement des Black Muslims au moyen de sa perspective comme partisan de l'Islamisme.

Après avoir mentionné les sources écrites qui lui permettent une telle compréhension, il présente un résumé historique du Mouvement et les principales données biographiques de ses fondateurs et dirigeants.

Ensuite il analyse à quoi consiste la foi des Muslims en rapport avec la foi islamique et la foi chrétienne.

Il indique aussi la présence, dans le Mouvement, de signes caractéristiques du Madisme, du Charisme et du syncrétisme religieux.

En montrant le caractère hérétique de la religion des Muslims, il désigne les déformations de caractère historique et religieux endurées par l'Islamisme orthodox traditionnel au milieu du Mouvement. Ensuite, il étudie de quelle façon les préceptes basiques de l'Alcoran en rapport avec la profession de la foi, la prière, le jeûne, l'aumône et le pèlerinage sont accomplis.

En se rapportant à la morale des Muslims il désigne leurs aspects positifs qui pourront rendre aux nègres américains leur dignité et fierté perdues de par la force du régime de l'esclavage et ensuite il examine si le Mouvement constitue un culte, une secte ou une religion.

L'Auteur affirme que les Muslims sont des Musulmans autodidactes, recrutés, pour la plupart, parmi de semi-analphabètes, ayant de leur religion une notion élémentaire.

Ensuite il estime la position des Muslims à l'égard des Juifs, d'une manière spéciale, du sionisme, des peuples arabes et des peuples nègres africains, et arrive à la conclusion qu'il y a deux tendances actuelles dans le Mouvement — l'arabisme et l'africanisme.

A la fin de son ouvrage l'Auteur attire l'attention encore une fois sur la force régénératrice du Mouvement à l'égard de la reconnaissance, de la part des nègres américains, de leur dignité humaine et remarque le besoin du Mouvement venir à rejeter tout l'exclusivisme racial, ce qui lui permettra de retrouver les racines fraternelles de l'universalisme de l'Islam.